

— Aprenda a fazer —

Gestão e alocação de ativos

ANTONIO DUMONT



(SUNO)



Sumário

1	Introdução	4
2	O que é gestão de alocação?	5
	2.1. Mas o que é a correlação de ativos?	6
3	Por que você deveria investir tempo avaliando sua alocação de ativos?	7
	3.1. Rentabilidade	7
	3.2. Imprevistos	8
4	Como?	10
	4.1. Tolerância ao risco	12
	4.2. Horizonte de tempo dos investimentos	13
	4.3. Objetivos de investimento	13
	4.4. Alocação de ativos e estágio de vida	14

5	Classes de ativos tradicionais	16
6	Classes de ativos alternativas	18
7	O papel da diversificação	21
8	Fatores de risco explicados	23
9	O desafio para a construção de portfólio tradicional	24
	9.1. Impacto da globalização na correlação	26
10	Os benefícios de permanecer investido	28
	10.1. Ajustes periódicos	29
11	Conclusão	33

1

Introdução

Com o crescente interesse por investimentos no Brasil, reconhecemos que será cada vez mais importante entregar conhecimento e educação financeira aos interessados pela área. Nosso intuito é desenvolver os investidores no aspecto da tomada de decisão. Afinal, ela ajuda a diminuir as chances de erro e, conseqüentemente, melhora a performance.

Nesse sentido, o intuito deste e-book é tratar de gestão de alocação de ativos em um aspecto amplo. Ou seja, muito mais do que abordar um ativo específico, nossa proposta é ensinar a gerir sua carteira de investimentos de forma macro, bem como auxiliá-lo na manutenção com aportes recorrentes ao longo do tempo, sempre considerando o perfil e os objetivos do investidor em primeiro lugar.

Na **Suno**, nós respeitamos o investidor além dos números, pois acreditamos que cada pessoa tem sua história particular de escolhas, privações, estudo e trabalho. Todas essas variáveis foram levadas em consideração para desenvolver este material: esperamos sinceramente que ele seja útil em sua jornada!

Boa leitura.



Siga-nos nas redes sociais! Basta clicar nos ícones abaixo.

 /sunoresearch

 /sunoresearch

 /sunoresearch

 @sunoresearch

 @sunoresearch

2

O que é gestão de alocação?

Gestão de alocação de ativos ou *asset allocation* é um assunto que está começando a receber mais atenção no Brasil. Isso porque, em razão do histórico de juros elevados, os investidores automaticamente são desincentivados a tomar risco.

Até pouco tempo atrás, aplicações na renda fixa já proporcionaram bons resultados. Portanto, o interesse em montar uma carteira de investimentos com diversas classes de ativos – observando a relação entre risco e retorno – era pequeno.

Contudo, entendemos que esses tempos ficaram para trás: esse assunto será cada vez mais discutido.

Dessa forma, gestão de alocação de ativos é um procedimento que ajuda a distribuir os recursos de forma adequada dentro de uma carteira de investimentos. Ela é considerada fundamental para o investidor atingir seus objetivos.

Na verdade, é provável que a alocação de ativos tenha um impacto maior no desempenho de uma carteira do que a própria seleção de investimentos individuais.

A alocação de ativos é o processo de equilibrar risco e retorno em um portfólio, investindo em diferentes classes de ativos.

Podemos dizer que, algumas décadas atrás, **Harry Markowitz** já formalizou matematicamente o processo de diversificação inteligente por meio da máxima “não colocar todos os ovos em uma única cesta”, notoriamente conhecida no mercado financeiro.

Logo, um dos objetivos é mitigar a volatilidade geral do portfólio combinando classes de ativos com baixas correlações entre si. Ou seja, classes de ativos que não tendem a se mover na mesma direção ao mesmo tempo.

Por exemplo, a correlação entre ações e títulos públicos dos EUA tem sido negativa em grande parte dos últimos 15 anos, conforme mostra o seguinte gráfico.



2.1. Mas o que é a correlação de ativos?

A correlação de ativos é uma medida estatística que mede a relação entre duas variáveis. Ela varia entre 1 (correlação perfeitamente positiva) e -1 (correlação perfeitamente negativa). Por exemplo, se o ativo A e B têm correlação igual a 0,9 e o ativo A tem um aumento de 100% em seu valor, o ativo B aumentará em 90%, pois a correlação de ativos é igual a 0,90.

Portanto, gestão de alocação é o processo de diversificar corretamente as classes de ativos considerando o perfil e o objetivo do investidor com o intuito de mitigar o risco e aumentar sua performance.

SUNO START

Tenha acesso a conteúdos direcionados ao investidor iniciante, que quer aprender sobre o mercado e entender quais são as melhores oportunidades de investimentos em ações, FIIs e fundos de investimentos hoje.

Clique Aqui

3

Por que você deveria investir tempo avaliando sua alocação de ativos?

3.1. Rentabilidade

A possibilidade de melhorar a performance da carteira certamente é a vantagem que mais chama a atenção dos investidores. Isso porque a tarefa de escolher ativos que proporcionam altos retornos esperados é uma das mais árduas – e com maiores margens de erro – do mercado financeiro.

Nesse sentido, entender e analisar a relação existente entre as classes de ativos ao longo do tempo é mais acessível e tem maiores possibilidades de gerar bons retornos – em vez de acertar na mosca qual será a ação que subirá mais nos próximos 10 anos.

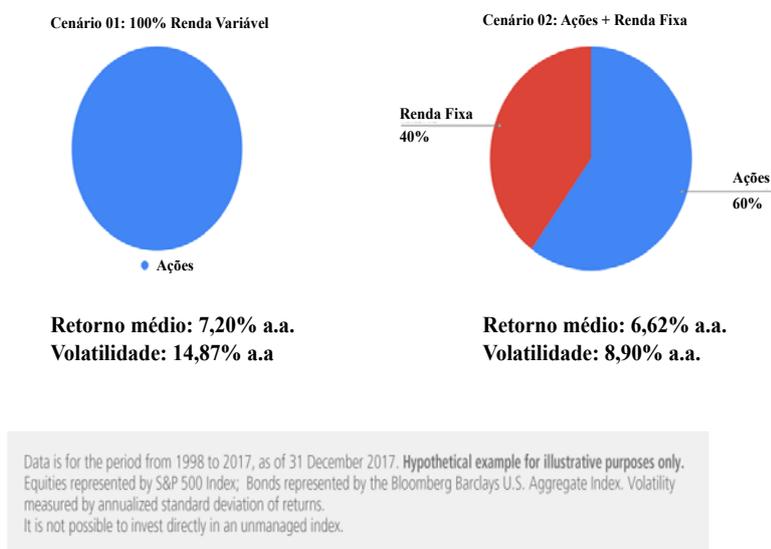
Uma das alternativas é contar com a ajuda de uma casa de análise respeitada nesta tarefa. Na Suno Research, nossos analistas escrevem relatórios com tudo o que você precisa saber sobre diversos ativos que podem melhorar a rentabilidade da sua carteira. **Clique [AQUI](#)** e conheça agora mesmo uma das nossas assinaturas.

De acordo com o famoso estudo *The global case for strategic asset allocation/home bias*, feito pela Vanguard, a gestão de alocação é responsável por mais de 90% dos movimentos de um portfólio ao longo do tempo.

Em outras palavras, importa muito mais para o resultado de um portfólio a decisão de estar comprado em bolsa brasileira em detrimento do dólar do que escolher entre a ação X ou Y.

Os exemplos de portfólio a seguir ajudam a ilustrar os benefícios potenciais de combinar classes de ativos com correlações baixas ou negativas.

A carteira no cenário 1 é totalmente investida em ações dos EUA. Por sua vez, a carteira no cenário 2 tem uma alocação de 60% em ações e uma alocação de 40% em títulos.



Como podemos observar nos dados de risco e retorno apresentados, ter mais de uma classe de ativos com correlações baixas ou negativas entre si (ações e títulos públicos) pode ajudar a reduzir a volatilidade e ainda alcançar um crescimento sólido.

A dosagem dessa alocação dependerá exclusivamente do perfil de risco e dos objetivos do investidor.

3.2. Imprevistos

Uma gestão de alocação bem-feita garante mais segurança ao investidor em cenários adversos. Não precisamos nos estender muito para exemplificar.

Atualmente, estamos enfrentando a Covid-19, que impactou diretamente empresas e pessoas ao redor do mundo. Empresas consideradas seguras e consistentes, presentes em setores perenes, tiveram abalos relevantes em suas receitas – e a cotação de suas ações não ficou ilesa.

Da mesma forma, os fundos imobiliários, historicamente menos voláteis – e, conseqüentemente, mais seguros que as ações –, foram impactados tanto quanto outros ativos de renda variável.

O Índice de Fundos de Investimentos Imobiliários (IFIX) da B3 chegou a desvalorizar aproximadamente 30% em março, diante do auge da crise sanitária e das restrições de mobilidade.



Nesse cenário, nosso analista responsável pela análise de fundos imobiliários, **Marcos Baroni**, salientou: “Nunca pensei que fosse dizer isso, mas ‘hoje’ os FIIs são mais arriscados do que as ações”.

Isso aconteceu porque a receita dos FIIs, que corresponde aos aluguéis dos imóveis, ficou comprometida com a parada econômica. De fato, os resultados financeiros dos FIIs este ano serão piores que os do ano passado.

No entanto, nesse momento entram em cena a **gestão de alocação de ativos** e a **qualidade na seleção** deles.

Essa não foi a primeira e não será a última vez em que seremos surpreendidos, mas quem sabe gerir sua carteira, acredite, ficará bem. Nesses momentos, nós aconselhamos que os investidores não tentem procurar todas as respostas, pois existe uma boa chance de ninguém saber o que acontecerá.

Nessas horas, é comum ser abordado por diversas projeções publicadas por “especialistas” e veículos de comunicação. Entretanto, na maioria das vezes não existem previsões seguras.

Portanto, o que cabe ao investidor sensato é controlar aquilo que está ao seu alcance, bem como se preparar antecipadamente para esses possíveis eventos. A gestão de alocação bem-feita não garantirá a ausência de impactos, mas certamente eles poderão ser menores.

4 Como?

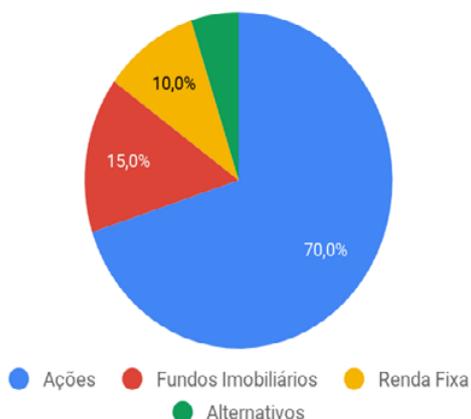
Em primeiro lugar, para realizar uma alocação de ativos eficiente, é fundamental observar suas características como investidor. Nessa etapa de construção de um portfólio, é crucial definir em quais classes de ativos investir – e em quais proporções.

A alocação estratégica de ativos é muito pessoal e depende em grande parte de características particulares de cada investidor. Ela tem como base três fatores principais:

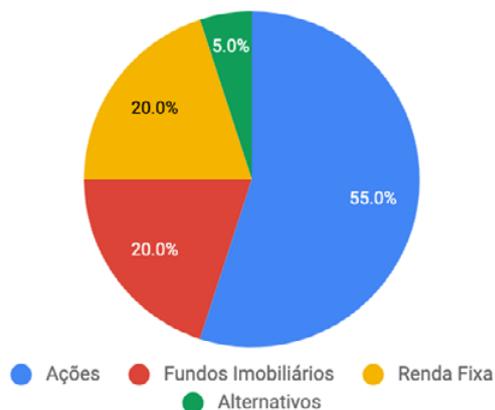
- Objetivos de investimento.
- Tolerância ao risco.
- Horizonte de tempo.

Dependendo das metas de retorno e do nível de risco que pode ser tolerado, as carteiras podem ser rotuladas como **conservadoras**, **renda e crescimento**, **crescimento** ou **alto crescimento**. A seguir, vemos exemplos de carteiras hipotéticas que mostram metas de porcentagem para diferentes classes de ativos.

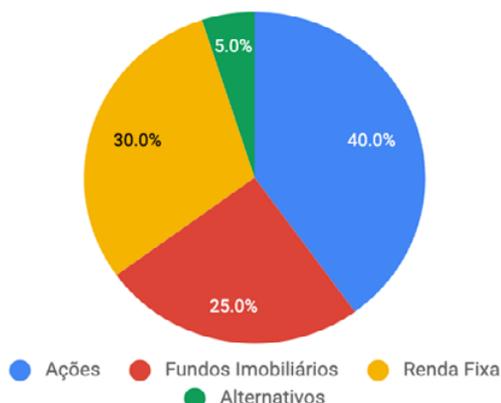
Crescimento Agressivo



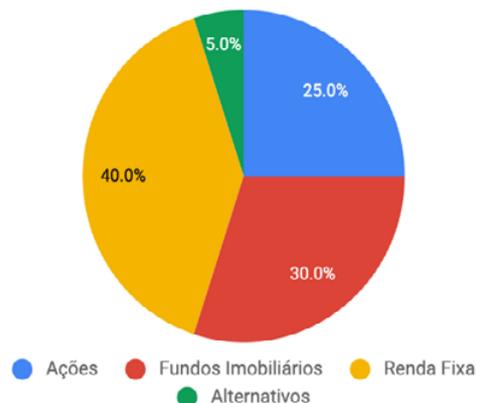
Crescimento



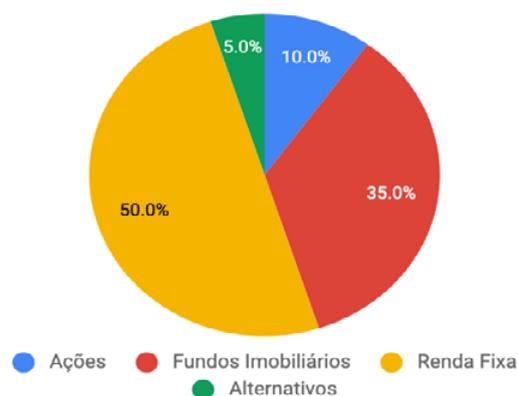
Crescimento Moderado



Renda e Crescimento Conservador



Conservador



	Crescimento agressivo	Crescimento	Crescimento moderado	Renda e crescimento conservador	Conservador
Ações	70	55	40	25	10
Fundos imobiliários	15	20	25	30	35
Renda fixa	10	20	30	40	50
Alternativos	5	5	5	5	5
Total	100	100	100	100	100

Obviamente, essa não é uma regra: devemos levar em consideração diversos fatores particulares, como nível de imobilizado, origem das receitas, conhecimento sobre o assunto e disposição.

Por exemplo, se o investidor trabalha em uma empresa listada, o ideal é que ele não aumente a concentração no negócio, mesmo que ele acredite e confie cegamente na companhia para o longo prazo. Isso porque, em um eventual imprevisto, sua geração de renda fica comprometida. Dependendo do grau de risco, as consequências são espelhadas na cotação da empresa na bolsa de valores.

Nesse sentido, sempre sugerimos que o investidor seja sensato e faça uma autoanálise considerando alguns pontos.

4.1. Tolerância ao risco

Nesse momento, é preciso pensar: qual é o seu grau de tolerância ao risco? Ou seja, você precisa saber qual é...

- **...sua capacidade de obter renda.** Se sua geração de caixa é alta e previsível, é possível ter mais flexibilidade em relação ao percentual direcionado a ativos de baixo risco – e, consequentemente, aproveitar eventuais oportunidades com mais regularidade e intensidade. No pior cenário, é possível reconstituir sua parcela de baixo risco e balancear a carteira, deixando de investir alguns meses.
- **...seu patrimônio acumulado.** Se você recebeu uma herança de R\$ 2 milhões, mas faz aportes de R\$ 1 mil, é necessário ter muita cautela na exposição ao risco. Em um eventual imprevisto, a recomposição e o balanceamento da carteira podem demorar anos.
- **...o momento em que você se encontra no ciclo de vida.** Você está começando a carreira agora, está no meio da carreira ou está prestes a se apresentar? Este tópico é simples. Se você é jovem e tem um baixo custo de vida, é plausível ter uma carteira mais arrojada. No entanto, se você está em fase avançada e pretende utilizar os recursos em vida, replicar a mesma alocação de um jovem é uma péssima escolha.

- **...seu grau de conhecimento do mercado de investimentos.** Incentivamos as pessoas a evoluir sempre como investidoras, mas entendemos que muitos simplesmente não gostam do assunto ou não têm tempo para se concentrar o quanto gostariam no aprendizado. Nesse sentido, é importante não se aventurar no mercado em busca de sofisticação. Aqui, menos é mais. Um processo de investimento simples pode gerar retornos bons e consistentes ao longo dos anos.

Lembre-se de que todos preferem menos risco. Com menos risco, porém, o retorno dos investimentos será menor. A tarefa do investidor é balancear adequadamente cada uma das variáveis com o objetivo de definir a melhor alocação para seu perfil.

4.2. Horizonte de tempo dos investimentos

É importantíssimo saber quando o investidor precisará dos recursos.

Por esse motivo, você não deve fazer uma alocação de recursos sem entender seu momento. Ou seja, qual será sua necessidade de curto, médio e longo prazo?

Se você precisa de capital para pagar uma parcela de um apartamento que comprou, obrigatoriamente necessitará de uma aplicação líquida e com baixo risco.

Todos preferem mais liquidez. O investimento em ativos mais líquidos, porém, terá um retorno esperado menor. Equilíbrio e gestão de alocação serão, mais uma vez, o diferencial.

4.3. Objetivos de investimento

Quando falamos em retorno esperado, os fatores mencionados anteriormente são cruciais para determinar quão alto será o voo do investidor.

Ou seja, se o investidor tem como objetivo gerar uma valorização patrimonial na casa de 20% ao ano, mas vai precisar do capital em dois anos, esse objetivo não está coerente com sua realidade.

Após determinar os requisitos anteriores, o investidor entenderá melhor quais são as possibilidades de retorno com os investimentos – e, conseqüentemente, se seus objetivos de vida serão atingidos ou não.

O básico consiste na seguinte lógica: quanto maior o retorno, maior o risco e menor a liquidez. Sendo assim, o investidor que visar a menor risco e maior liquidez terá menos retorno.

4.4. Alocação de ativos e estágio de vida

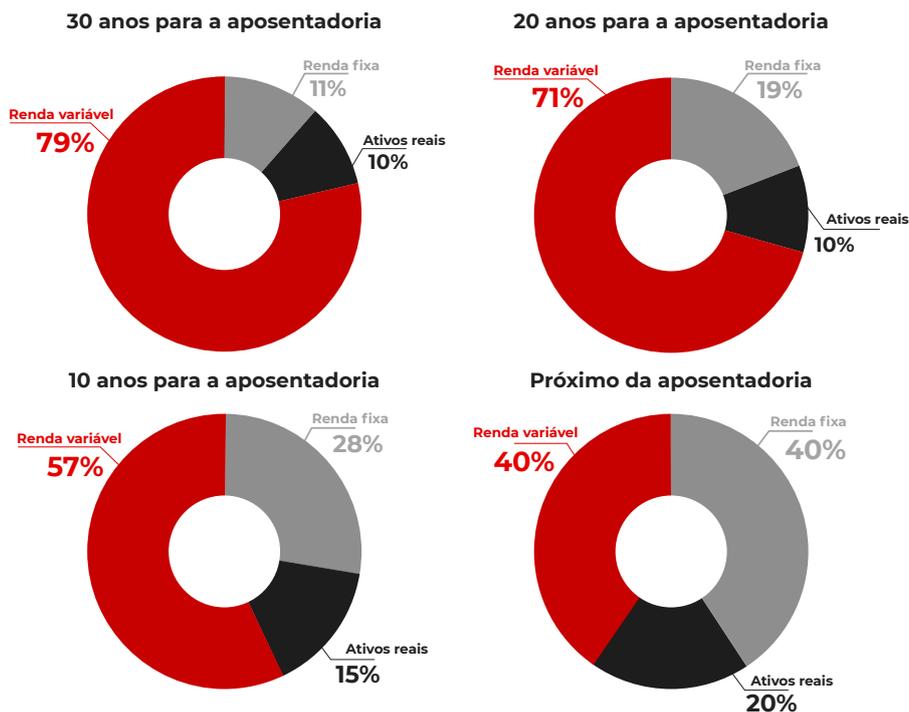
Conforme mencionamos, a alocação de ativos de um investidor se baseia em três fatores principais: objetivos de investimento, tolerância ao risco e horizonte de tempo.

Faz sentido que esses fatores mudem ao longo da vida, então a alocação de ativos também deve mudar.

Todos os investimentos envolvem um certo grau de risco ou volatilidade (comentaremos mais adiante). Investidores com muito tempo para enfrentar as flutuações de curto prazo geralmente querem que sua alocação estratégica de ativos se concentre em investimentos voltados ao crescimento – como ações – e adote uma abordagem mais conservadora à medida que eles se aproximam da aposentadoria.

No entanto, também pode haver metas temporárias e de curto prazo, como comprar uma casa ou um carro, o que demanda certa liquidez.

Os gráficos a seguir ilustram um exemplo de como uma alocação de ativos pode progredir em diferentes estágios que levam à aposentadoria.



Observe que a alocação do investidor 30 anos distante da aposentadoria tem uma concentração maior em ações, o que muda para uma abordagem mais conservadora e de menor risco (conforme ele se aproxima da aposentadoria).

Suno Premium: Tenha acesso às carteiras recomendadas de ações, fundos de investimentos e fundos imobiliários, além de recomendações de Tesouro Direto e reserva de emergência.

[Clique aqui para saber mais](#)

5

Classes de ativos tradicionais

As principais classes de ativos que nós abordaremos são:

- Renda fixa – títulos públicos, certificados de depósito bancário, debêntures, letras de crédito, entre outros.
- Renda variável – ações e fundos imobiliários.

Títulos públicos são tradicionalmente vistos como uma classe de ativos defensiva: muitos investidores os usam para se proteger e preservar seu capital. Eles são ideais para sua reserva de emergência/opportunidade, tendo em vista que, para esse objetivo, liquidez e segurança do capital são prioridade – e não rentabilidade.

Ações e fundos imobiliários, por outro lado, são considerados ativos de crescimento que visam a impulsionar a valorização do capital de longo prazo e a geração de renda passiva.

A escolha de boas empresas exige alguns critérios.

- ▶ No seguinte vídeo, Tiago Reis mostra justamente como encontrá-las. Assista clicando no botão abaixo!

ASSISTA JÁ !



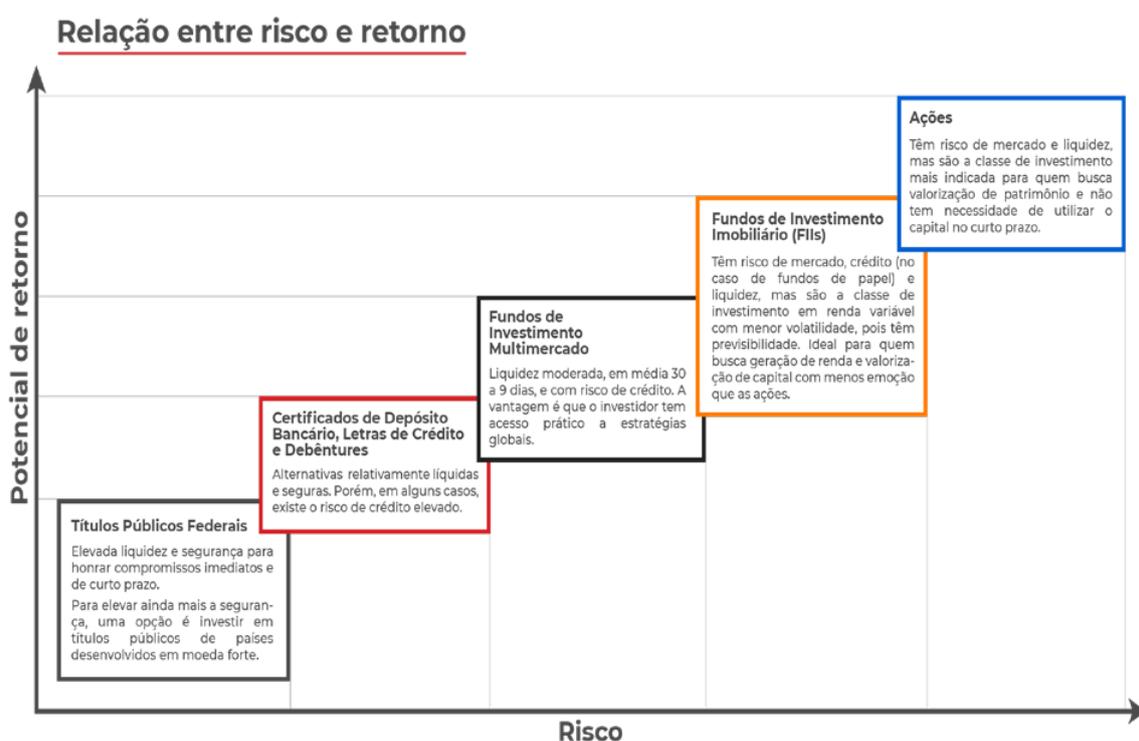
Cada ativo tem seu próprio perfil de risco/recompensa. Embora a renda fixa seja considerada o investimento de menor risco, não devemos desconsiderar as eventuais possibilidades de perda permanente de capital.

Por outro lado, ações e fundos imobiliários podem acarretar maior risco. Em contrapartida, oferecem maior potencial de retorno.

Em crises/mercados incertos, é natural observar o fluxo de capital em direção aos ativos de menor risco, visando à proteção de capital. Nesses momentos, os investidores – na tentativa de reduzir sua exposição ao risco – podem deter percentuais acima do normal em renda fixa.

Mas eis um ponto importante: com a devida gestão de alocação, pode ser possível assumir mais risco prudentemente, aumentar o potencial de retorno de forma incremental e, ao mesmo tempo, administrar a volatilidade. Tudo isso observando e respeitando sua estratégia de investimento inicialmente formatada. Trataremos mais dessa alocação tática nos capítulos seguintes.

A seguir, observe classes de ativos e seus respectivos potenciais de retorno e risco.



6

Classes de ativos alternativas

Não há uma definição única do que constitui uma classe alternativa de ativos, portanto o termo cobre uma ampla gama de investimentos. Geralmente, os investimentos alternativos abrangem aqueles fora das classes convencionais de ações, fundos e títulos.

Exemplos de investimentos alternativos incluem *private equity/venture capital* e fundos de investimento em infraestrutura.

Private equity são os investimentos realizados em empresas grandes de capital fechado, ou seja, que não estão listadas na B3 e que geram receita e fluxo de caixa significativos. Uma forma prática de acessar esses investimentos é por meio de fundos de *private equity*. Neles, os investidores são passivos com relação à administração, a menos que o objetivo da aquisição seja melhorar o desempenho da empresa. Na maioria dos casos, o capital levantado por meio dos fundos é utilizado na reestruturação financeira ou operacional da empresa.

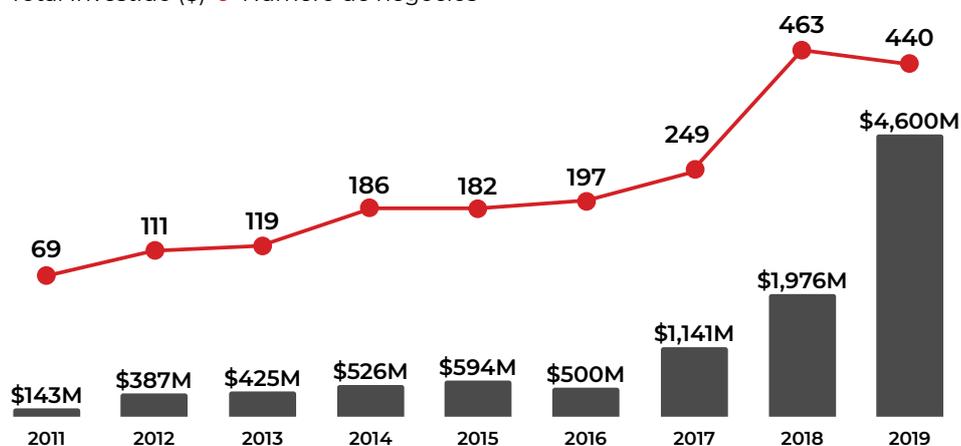
Venture capital se refere ao financiamento de PMEs pelos investidores que buscam empresas com um alto potencial de crescimento. Ou seja, investidores que escolhem se envolver com essas empresas aplicam o capital no estágio inicial de vida de uma organização. Para valer o risco, geralmente essas companhias reservam um alto crescimento em segmentos inovadores, como tecnologia. Além disso, os investidores assumem participação na tomada de decisão, porque o perfil de risco no *venture capital* é comparativamente superior ao do *private equity*.

Para acessar esse mercado, a forma mais prática também é por meio de fundos de *venture capital*. Na maioria dos casos, os recursos captados são utilizados na otimização das operações – com aprimoramento e desenvolvimento de novos produtos ou serviços no mercado.

Investimento de *venture capital* na América Latina

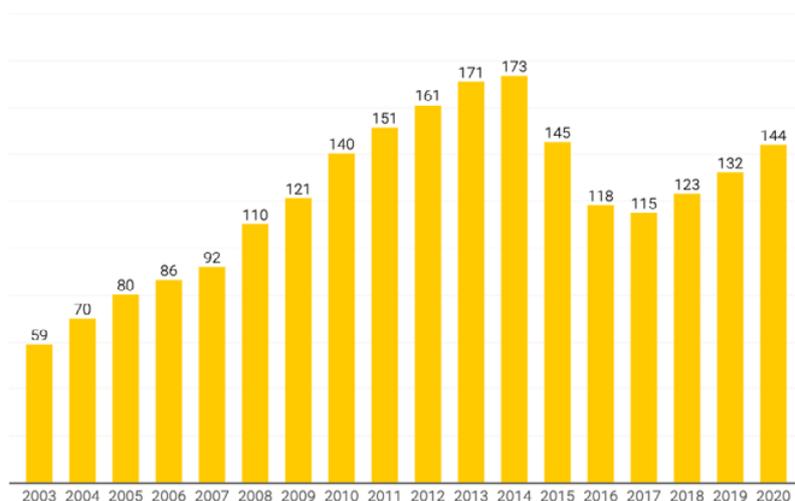
Fonte: Latin American Private Equity & Venture Capital Association (LAVCA)

■ Total Investido (\$) ● Numero de negócios



Fundos de Investimentos em Participações de Infraestrutura, também conhecidos como FIP-IE, de acordo com a Instrução CVM 578, investem em projetos de infraestrutura, realizando desenvolvimento e inovação em diferentes setores, como Energia, Telecomunicações, Transportes, Água, Saneamento e Irrigações.

O mercado de infraestrutura no Brasil vive um momento de grandes expectativas, principalmente em razão dos investimentos realizados nos últimos anos. No gráfico a seguir, podemos analisar os investimentos feitos desde 2003, que giram em torno de R\$ 2,19 trilhões.



Fonte: Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), PPI, Câmara dos Deputados, Anace Brasil e Valor Econômico.

O mercado de infraestrutura, com iniciativas privadas, aproveita-se do cenário de juros baixos e da isenção fiscal existente tanto para ganho de capital (vendas) como para pagamento de dividendos ou amortizações.

Com isso, acreditamos que os FIP-IE sejam uma ótima opção para aumentar a diversificação na carteira dos investidores, com bom potencial de ganhos no médio/longo prazo e oportunidade de aproveitar o crescimento dessa indústria desde seu início.



Siga-nos nas redes sociais! Basta clicar nos ícones abaixo.



7

O papel da diversificação

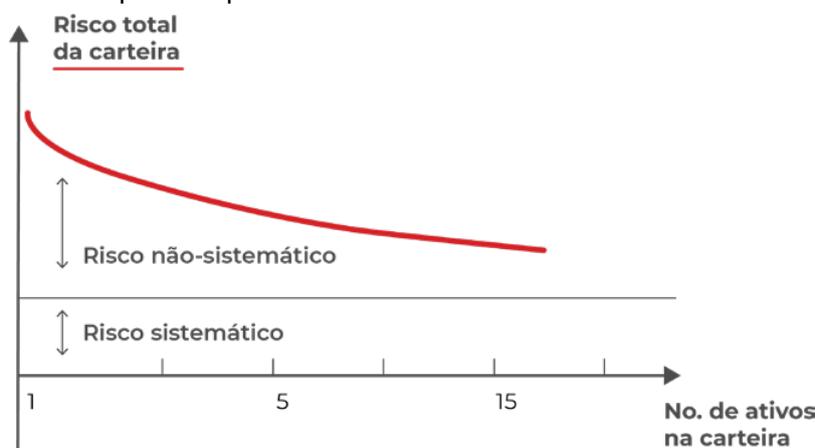
Aprofundando a questão de diversificação, salientamos que essa estratégia visa a dividir as aplicações em classes de ativos, bem como os investimentos dentro de cada classe.

A **diversificação das ações** pode ser alcançada investindo em ações de diferentes setores, países e empresas. A **diversificação em títulos** pode ser alcançada de forma semelhante, investindo em diferentes setores, países, emissores e qualidades de crédito.

A manutenção de uma carteira diversificada pode ajudar os investidores a se preparar para as mudanças na economia e nas taxas de juros, proporcionando potencial não apenas de capturar oportunidades, mas também de minimizar os riscos.

A partir de uma análise histórica de dados, **Jeremy Siegel**, renomado professor de finanças americano, mostra que, para investidores montarem uma estratégia de investimentos de longo prazo, suas carteiras de ativos devem ser estruturadas de forma a equilibrar ativos nacionais e estrangeiros (de empresas grandes e *small caps*, por exemplo).

A imagem a seguir mostra o comportamento de variação da carteira à medida que a quantidade de ativos aumenta.



Em suma, o risco diversificável, ou seja, o risco não sistêmico, reduz consideravelmente até a 15ª ação. Depois disso, o grau de risco do portfólio não é tão diluído com o aumento do número de ativos.

O lendário gestor **Peter Lynch** também ressalta que ações desconhecidas e não acompanhadas pelo investidor jamais devem ser incluídas no portfólio, isto é, apenas pelo bem da diversificação. Diversificar somente por diversificar pode causar o declínio de uma carteira de ações.

Portanto, o grande ponto é não se fixar em uma quantidade de ações, mas investigar quão boas elas são em uma análise caso a caso.

Na visão de Lynch, o investidor deve construir uma carteira com o máximo de ações. No entanto, apenas as ações sobre as quais ele apresenta uma vantagem analítica devem ser incluídas.

Vale acrescentar que confiar em apenas uma ação é muito arriscado. Isso porque, apesar dos melhores esforços, a empresa escolhida pelo investidor pode ser vítima de circunstâncias não previstas. Além disso, por mais que a tese esteja correta, os retornos podem não performar como esperado.

Sendo assim, acreditamos, sobretudo, que diversificar não se trate apenas de reduzir o risco atrelado ao portfólio. Também é uma importante forma de aumentar as chances de encontrar os melhores retornos do mercado.

Você conhece nossa biblioteca de ebooks?
Baixe agora e tenha acesso gratuitamente!



Baixe já!



Baixe já!



Baixe já!

8

Fatores de risco explicados

O retorno de uma ação pode ser dividido em risco de mercado de ações – movimento dentro do amplo mercado de ações – e risco específico da empresa. O retorno de um título pode ser explicado pelo risco da taxa de juros – sensibilidade do preço a mudanças nas taxas – e pelo risco específico do emissor.

Ao direcionar a exposição a esses fatores de risco subjacentes, os investidores podem selecionar uma combinação de classes de ativos que proporcionam um risco de portfólio mais diversificado.

Fatores de risco	Classe do ativo			
	Ações (<i>Equities</i>)	Títulos públicos de mercados desenvolvidos	Títulos públicos de mercados emergentes	Fundos imobiliários
Risco da empresa (beta)	X			X
Taxa de juros	X	X	X	X
Risco de crédito		X	X	
Risco de mercado	X	X	X	X
Risco de liquidez	X			X

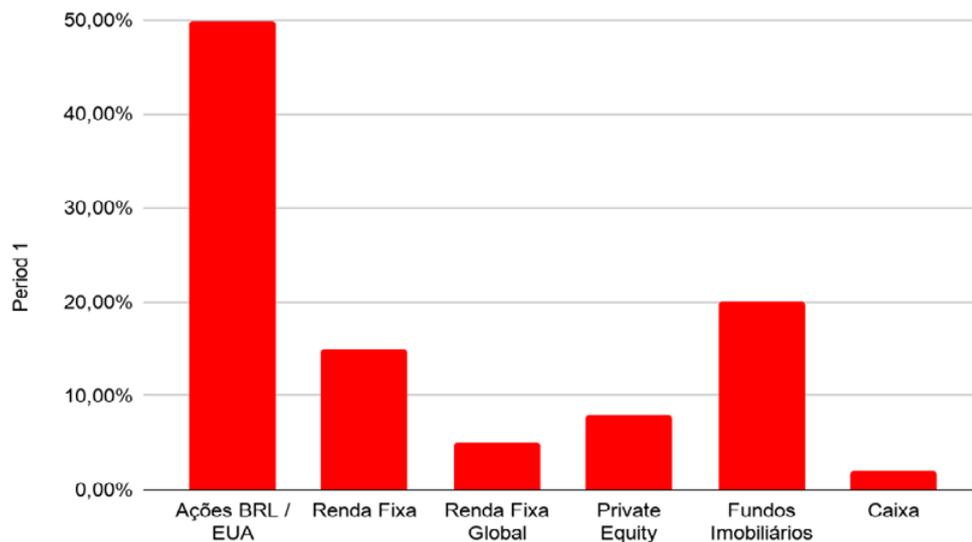
9

O desafio para a construção do portfólio tradicional

As estratégias tradicionais de alocação de ativos buscam mitigar a volatilidade geral do portfólio combinando classes de ativos com baixas correlações. No entanto, tendências de longo prazo, como a globalização, têm aumentado essas correlações.

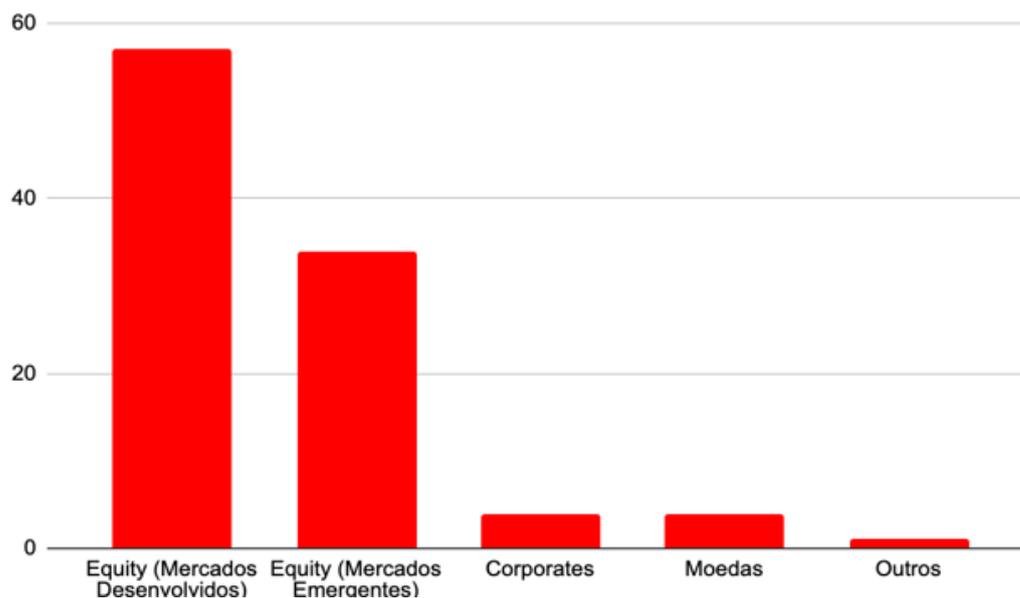
Como resultado, classes de ativos aparentemente distintas podem se comportar de maneira semelhante se comparada ao que muitos investidores esperam. Como tal, mesmo as carteiras bem diversificadas em classes de ativos podem não estar posicionadas para mitigar adequadamente a volatilidade do mercado.

A lista a seguir mostra uma carteira amplamente diversificada em classes de ativos.



Ações BRL/EUA	50%
Renda fixa	15%
Renda fixa global	5%
<i>Private equity</i>	8%
Fundos imobiliários	20%
Caixa	2%

Mas, na verdade, essa alocação tem uma exposição muito concentrada ao risco de ações subjacente. Compreender esses fatores é fundamental para criar uma estratégia de alocação eficiente e gerenciada por risco.



<i>Equity</i> (mercados desenvolvidos)	57
<i>Equity</i> (mercados emergentes)	34
<i>Corporates</i>	4
Moedas	4
Outros	1

9.1. Impacto da globalização na correlação

No mercado atual, as correlações de classes de ativos se tornaram menos estáveis do que muitos investidores imaginam. Tendências de longo prazo, como a globalização, aumentaram as correlações.

Além disso, essas correlações podem aumentar durante os períodos de turbulência do mercado. Como resultado, classes de ativos aparentemente distintas parecem se comportar de maneira semelhante. Um exemplo claro foi justamente a relação do Ibovespa com o dólar em 2020.



Esse ambiente torna mais desafiador construir um portfólio verdadeiramente diversificado e resiliente. Afinal, ativos que antes não eram relacionados agora podem ser expostos aos mesmos fatores de risco.

Portanto, o intuito deste tópico é alertar sobre a importância de sempre monitorar o mercado com o objetivo de reavaliar e ajustar sua estratégia.

10

Os benefícios de permanecer investido

O objetivo de uma alocação estratégica de ativos é fornecer uma estratégia de longo prazo para um portfólio. Os investidores têm maior probabilidade de atingir seus objetivos de longo prazo se permanecerem investidos e evitarem decisões reativas de curto prazo que possam desviá-los do curso.

Por quê? Os investidores às vezes são tentados a entrar e sair de certos investimentos, como ações ou títulos, na tentativa de controlar o tempo do mercado. Isto é, tentar prever qual classe de ativos terá melhor desempenho em um determinado momento.

Essa é uma estratégia extremamente arriscada, que poucos investidores profissionais têm sucesso em perseguir. Os mercados geralmente normalizam e, quando o fazem, aqueles que permanecem investidos podem se beneficiar mais do que aqueles que não o fazem.

Conforme mencionamos anteriormente, a tomada de **decisão reativa** – conhecida como “**voo para a segurança**” – ocorre periodicamente nos mercados. Durante esses períodos, investidores movem seu dinheiro **de** ativos considerados mais arriscados **para** ativos menos arriscados, como títulos públicos de países desenvolvidos, em resposta às condições de mercado.

Nesse cenário, à medida que as taxas de juros sobem, os investidores preocupados com o valor de seus investimentos podem ser tentados a mover seus ativos para mercados monetários com exposição mínima ao risco da taxa de juros.

No entanto, esse voo para a segurança pode ter um preço alto. Mudar para os mercados monetários geralmente significa abrir mão do rendimento, o que, no longo prazo, pode levar a retornos mais baixos. Observe o índice Ibovespa a seguir.

Ibovespa
INDEXBVMF: IBOV

95.957,33 -3.648,21 (3,66%) ↓

28 de out. 12:37 BRT

Max.



Em 2020, o Ibovespa recuou aproximadamente 43% – desde a máxima de 119.527,63 pontos em 23 de janeiro até a mínima de 63.569,62 em 23 de março.

Após alguns meses, o índice já se recuperou quase 50%. Quem fez o voo para a segurança no auge da pandemia provavelmente não se beneficiou da alta da bolsa.

Além de não aproveitarem o preço descontado dos ativos, em eventuais novas compras, esses investidores terão dificuldades para ler o melhor momento de retornar ao mercado.

Momentos assim podem ser extremamente positivos para a performance, desde que a estratégia inicial de gestão de alocação – que mencionaremos a seguir – seja seguida.

E por que isso acontece?

10.1. Ajustes periódicos

Um bom processo de diversificação seguido de balanceamentos periódicos tende a gerar maior tranquilidade e a reduzir o risco e os custos envolvidos, além de trazer maior previsibilidade à carteira.

Como os mercados estão em constante mudança, manter a alocação estratégica de ativos em um portfólio exige um rebalanceamento periódico para preservar as alocações-alvo.

Conforme exemplificamos, suponha que sua estratégia de alocação corresponda a 40% de alocação na classe de ações, mas que, em razão da crise sanitária, você visualizou esse percentual recuando para 25%.

Se você seguir sua estratégia inicial, obviamente será necessário direcionar os aportes mensais para ações – ou até mesmo recorrer à sua reserva de oportunidade, levando em conta a dimensão do impacto.

O resultado prático desse balanceamento é o investimento em ativos descontados.

No segundo momento, após atingir o objetivo proposto em renda variável utilizando uma reserva de oportunidade, sua alocação em renda fixa é consequentemente desfalcada. Logo, é ideal que os próximos aportes ocorram em RF.

Observe que, nesse segundo momento, o percentual na classe de ações pode ter se estabilizado – ou até mesmo aumentado.

Se estabilizou, a sugestão é apenas aguardar. No entanto, se esse percentual aumentou, é recomendável retornar ao indicado na alocação estratégica, realizando a liquidação de algumas cotas.

É importante salientar que devemos nos atentar sempre à incidência de imposto sobre operações de venda e a eventuais isenções.

Esse tipo de gestão se configura como ativa, mas não é obrigatória para obter bons retornos. Indicamos tais rebalanceamentos de acordo com o perfil do investidor. O foco no longo prazo é mais importante e garante bons resultados.

Outra observação importante se refere ao prazo. Não recomendamos balanceamentos com frequência. Muito pelo contrário: definir uma reavaliação de carteira a cada três ou seis meses pode fazer muito mais sentido.

Com exceção das alterações táticas.

A **alocação tática de ativos** sugere aumentar ou diminuir a exposição a uma determinada classe de ativos com base em fundamentos macro, avaliações e movimentos de mercado.

Podemos utilizar o exemplo de empresas de construção civil presentes em setores cíclicos.

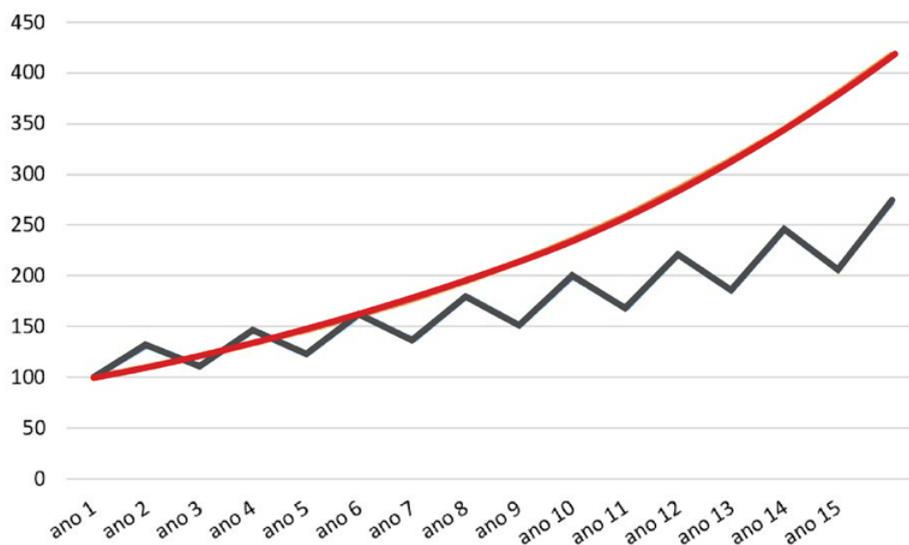


Realizar um investimento tático no setor pode fazer sentido caso o investidor tenha a capacidade técnica de avaliar o momento adequado.

Independentemente do estilo de gestão utilizado, reiteramos a importância de sempre realizar investimentos com foco no longo prazo. Afinal, mesmo os *drivers* que impulsionam uma alocação tática são fundamentados em meses e até anos.

Tenha sempre como prioridade evitar a perda permanente de capital. Como diria **Warren Buffett**, o maior investidor de todos os tempos: “Regra número 1: nunca perca dinheiro. Regra número 2: nunca esqueça a regra número 1”.

Esse pronunciamento de Buffett pode ser entendido olhando um gráfico simples de comparação entre dois investimentos. A linha laranja representa uma pessoa com rendimento constante de 10% ao ano (todos os anos). A linha azul representa uma pessoa com rendimento de +30% em um ano, depois -20% no outro. Como podemos ver, consistência é tudo.



Por esse motivo, não incentivamos alterações recorrentes nas estratégias táticas, impulsionadas por meios de comunicação ou por eventos de curto prazo.

Não podemos negar que estar bem-informado é muito importante. Entretanto, em nosso ponto de vista, a facilidade e a quantidade de informações podem dificultar mais do que ajudar o investidor. Saber filtrar essas informações é fundamental.

11

Conclusão

Uma gestão de alocação eficiente inclui a constituição do portfólio diversificado em diversas classes de ativos descorrelacionados, que sigam o perfil de risco e o objetivo do investidor e que englobem o rebalanceamento periódico alinhado à estratégia inicial.

De fato, a estratégia de gestão de ativos poderá te ajudar a ser um investidor mais responsável, com chances de obter retornos maiores e de forma mais saudável.

A **Suno** já oferece um serviço de consultoria de investimentos que auxilia o investidor a constituir uma carteira personalizada para seu perfil e objetivo de vida.

Essa consultoria segue as premissas descritas neste ebook e inclui o monitoramento constante e o rebalanceamento da carteira. Conheça mais sobre o serviço acessando [este link](#) ou clicando na imagem abaixo.



(SUNO)

SUNO CONSULTORIA

- ▶ Personalizada (15 dias)
- ▶ Exclusiva (3 meses)
- ▶ Master (12 meses)

ADQUIRA AGORA!

A graphic advertisement for Suno Consultoria. It features the Suno logo (SUNO) in red, followed by the text 'SUNO CONSULTORIA' in bold black. Below this, there is a list of three service options, each preceded by a red arrow: 'Personalizada (15 dias)', 'Exclusiva (3 meses)', and 'Master (12 meses)'. At the bottom left, there is a red button with the text 'ADQUIRA AGORA!'. To the right of the button, there is a decorative graphic consisting of a grid of small dots.